

Empresários pressionam os políticos

SÃO PAULO — Se a crise política não provocou remarcação preventiva de preços, a possibilidade do Congresso adiar a votação das medidas estruturais da política econômica, como a reforma fiscal, anda tirando o sono de muitos empresários. “Não podemos perder tudo que andamos até aqui. Precisamos pressionar o Congresso e os políticos para que o mundo político não continue parado”, explica o presidente da Bolsa Mercantil & de Futuros, Manoel Francisco Pires da Costa, que está participando do Brasil S/A, movimento que pretende reunir 1.000 lideranças de todo o país para acordar o país do desânimo de 40 dias de crise política. O Brasil S/A oferecerá um jantar de apoio ao ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, no próximo dia 8, mas os empresários querem mesmo é atrair vários políticos para o evento — o governador do estado de São Paulo, Luiz Antônio Fleury, já garantiu, segundo os organizadores, a sua presença.

Além de se engajarem no movimento Brasil S/A, os empresários da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) pretendem fazer uma grande campanha nacional de conscientização sobre a urgência das reformas fiscal e tributária — a em-

preitada deverá contar com o apoio da Confederação Nacional da Indústria (CNI), da Força Sindical e da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Por outro lado, o Conselho Superior de Economia da Fiesp marcou para esta quarta-feira uma reunião extraordinária em que deverá sair uma posição mais firme e também uma estratégia para evitar que os empresários misturem política com economia, no sentido de adiarem posições importantes.

Consumo freado — Mas o que fazer com a reação dos consumidores, que já estavam contidos por conta da recessão e agora parecem ainda mais deprimidos com o destino do país no meio das tantas denúncias de corrupção? “Tudo isto tornou mais agudas as expectativas negativas dos consumidores. Com pouco dinheiro no bolso e sentindo os alicerces frágeis, imediatamente se busca mais a poupança, um mínimo de segurança para o futuro”, explica a diretora de pesquisas da Standard, Ogilvy & Mather, Clarice Herzog. “Claro que com o trauma do bloqueio da caderneta de poupança, essas economias devem ir para outros ativos”, acrescenta ela — em maio, por exemplo, os saques na caderneta

foram 2,88% maiores do que em abril, segundo dados da Associação Brasileira de Crédito Imobiliário (Abecip). “A desilusão começou com o Plano Cruzado 2 e aí não acabou mais. A decisão de selecionar as compras já existe há pelo menos dois anos. Não é efeito exclusivo da nova crise política.”

Para Clarice, a tendência do desânimo não leva à explosão social, mas a movimentos como o Brasil S/A. “Acredito que a sociedade civil deverá procurar a mobilização, a organização. Isto é uma forma de mostrar toda a desilusão com a classe política, com os governantes”, analisa ela, lembrando que na penúltima pesquisa do *Listening Post*, realizada em fevereiro, 80% dos entrevistados não lembravam de nenhum senador que tivesse se destacado em 1991 e 41% justificavam o pessimismo com a resposta “poder na mão de corruptos e escândalos na vida pública”. “Nesta próxima eleição, é certo um grande número de votos em branco e também nulos por protestos. O ato de votar perdeu a força, mas a sociedade já percebeu que acabou o paternalismo do Estado e certamente deverá ir à luta.”